

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

12 de Setembro de 2022

JOÃO BOTELHO – FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA DE AS CONTAR

SE A MEMÓRIA EXISTE / 1999

Argumento: João Botelho a partir do texto, *O Tesouro*, de Manuel António Pina / *Direção de fotografia (digital, cor):* Daniel Del Negro / *Som:* Filipe Gonçalves / *Guarda-Roupa:* Sílvia Grabowski / *Montagem:* Rui Del Negro / *Interpretação:* Joana Pinhão Botelho, Vasco Gonçalves, Pedro Pizarat Correia, Vasco Lourenço, Vítor Alves, Matos Gomes, Santos Osório, Vítor Crespo, Mário Tomé, Costa Neves, Otelo Saraiva de Carvalho, Martins Guerreiro, Almada Contreiras, Alfredo Assunção.

Produção: Associação 25 de Abril, com o apoio da Comissão de Apoio dos 25 Anos do 25 de Abril / *Cópia:* vídeo Betacam Digital / *Duração:* 22 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 10 de Setembro de 1999 / *Estreia em Portugal:* 13 de Abril de 2000 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 16 de Maio de 2014, no âmbito do ciclo “25 de Abril, Sempre”.

A LUZ DA RIA FORMOSA / 2005

Argumento: João Botelho / *Imagem (digital, cor):* Inês Carvalho, João Botelho / *Música:* trechos de quartetos de cordas de Antonin Dvorak / *Montagem:* Renata Sancho / *Som:* Miguel Martins / *Interpretação:* Suzana Borges (*a mãe*), Rui Horta (*o filho*); narração de Miguel Monteiro.

Produção: João Botelho e Miguel Verde para Os 39 Degraus / *Cópia:* vídeo Betacam digital / *Duração:* 52 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (Festival DocLisboa), 16 de Outubro de 2005 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

VIAGEM AO CORAÇÃO DO DOURO, A TERRA ONDE NASCI / 2002

Argumento: João Botelho; textos de João Botelho, Manuel Mendes, Gaspar Martins Pereira, A. M. Pires Cabral, Alves Redol, Teixeira de Pascoaes, Sophia de Mello Breyner Andresen e Miguel Torga / *Imagem (digital, cor):* Inês Carvalho, João Botelho / *Montagem:* João Braz, João Botelho / *Narração:* Rui Morrison

Produção: João Botelho para Os 39 Degraus / *Cópia:* DCP / *Duração:* 27 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de João Botelho

João Botelho realizou **Se a Memória Existe** quase quinze anos depois de **Um Adeus Português** (1985), longa-metragem que marcou decisivamente um olhar sobre a ditadura e sobre a guerra colonial. São dois filmes que evocam a Revolução de Abril a uma certa distância, daí os termos programado juntos em 2014 num grande Ciclo dedicado aos 40 anos de Abril, no seu capítulo “A Distância das Coisas”, em que nos debruçámos sobre o “trabalho da memória de Abril” e os seus ecos no cinema de ficção, já distante dos primeiros filmes que foram produzidos no PREC e no calor da Revolução.

Se a Memória Existe estreou no Festival de Veneza e conta com o testemunho de vários Capitães de Abril, que emprestam a sua voz a uma história contada a uma menina. Joana, a filha do realizador, descobre o que foi a Revolução dos Cravos através da leitura de um admirável texto de Manuel António Pina, *O Tesouro*, cuja primeira edição foi publicada em 1994 pela Associação de 25 de Abril e muitas lhe sucederam. Foi através do filme de Botelho que, em 2014, descobri este livro em que Manuel António Pina descreve exemplarmente o “País das Pessoas Tristes” e narra uma “história verdadeira” de um país que a 25 de Abril de 1974 conheceu a liberdade. Livro que este

mesmo Abril encontrei num alfarrabista e que, lido em voz alta, continua a cumprir a sua missão junto às crianças mais pequenas.

Dedicado a Salgueiro Maia e a Zeca Afonso, **Se a Memória Existe** convoca ainda imagens de arquivo de diferentes naturezas, que opõem claramente um país fechado e em guerra colonial à enorme explosão de alegria final. Imagens documentais que conferem um referente concreto a um filme que dá a palavra e presta homenagem àqueles que fizeram a Revolução. A “pequena dor à portuguesa, tão mansa quase vegetal” de **Um Adeus Português** encontra assim eco no “País das Pessoas Tristes”, “um país muito distante em que vivia um povo infeliz e solitário, vergado sob o peso de uma misteriosa tristeza”. Um povo que reconquistou o seu Tesouro, pelo qual todos temos que velar. Na fidelidade ao texto e na simplicidade do seu dispositivo, **Se a Memória Existe** aponta claramente para a necessidade de actualizar a memória de Abril e para a dificuldade da transmissão do que significou a conquista da liberdade junto daqueles que sempre a tiveram, como forma de defender o seu valor e a necessidade de a preservar.

Joana Ascensão

**

Embora **Viagem ao Coração do Douro...** e **A Luz da Ria Formosa** não tenham certamente sido concebidos como um par de filmes, acabaram por formar um díptico: são filmes sobre espaços específicos e sobre o tempo que moldou estes espaços - e, por conseguinte, sobre aqueles que os habitaram e habitam - um filme sobre a pedra e outro sobre a luz, um situado no norte e outro no sul do país, um ligado à infância e à adolescência de João Botelho, o outro à sua idade madura.

A Luz da Ria Formosa é um excursão poético, um filme algo abstrato sobre a noção de saber, depurada e filtrada pela luz - elemento imaterial, inapreensível, fugaz, efémero, mutável - literal e metafórica, que percorre o filme, trazendo consigo noções aristocráticas de exigência e depuração - frugalidade, sobriedade, clareza, estoicismo. Homenagem a uma região e àquilo que a sua luz evoca, o filme começa com a leitura por uma mulher para o seu filho criança de uma carta de Séneca a um discípulo sobre a necessidade de ler e de escrever: de pensar. A música que esporadicamente se une às imagens é composta por trechos lentos de quartetos de cordas, a forma musical mais austera e abstrata, menos propícia a ser cantarolada ou dançada, que se conhece. Outros sons irrompem espaçadamente, da água, do vento, de aves e insetos, o canto de um *muezzin*, que em alguns segundos evoca uma longínqua e longa presença na região, com uma precisão e uma beleza de que nenhuma evocação verbal seria capaz. Um longo *travelling* straubiano (por conseguinte, pleno de *sentido sepulto*, para citarmos a fórmula de Serge Daney) feito a partir de um barco, acompanhado pela leitura de um texto, une presente e passado, concreto e abstrato. Botelho também utiliza a luz da ria Formosa de modo especular: luz que Suzana Borges vê e luz que ilumina a sua figura. A dada altura há uma pausa silenciosa, um trecho sem música ou palavras: o silêncio é outra das virtudes da sobriedade. Outras pausas não são silenciosas, são pessoas dali, de hoje, que falam delas e de quem são à maneira de um documentário, o que nos leva o espectador a pôr os pés na terra (“*olhar os outros a comer?*”). Noutra esfera humana e cinematográfica, a mulher embarca numa lancha e entra ria adentro rumo ao mar, o garoto tem desagradáveis sonhos povoados por polvos, levando-nos ao desenlace deste filme belo e livre - livre porque belo - sobre um espaço e sobre o tempo que decorreu e decorre neste espaço.

O genérico de **Viagem ao Coração do Douro, a Terra em que Nasci** apresenta o filme como um *documentário*, mas esta palavra talvez seja um tanto redutora, mesmo levando em conta que um documentário não é forçosamente um gênero informativo. De olhos no chão e não no ar, este filme também é um excursão poético. Como indica o título, **Viagem ao Coração do Douro...** abarca o pessoal e o geral, os séculos e os dias, a história de uma região e o que é vivido por um indivíduo. Todo o filme é construído em voz *off* e Botelho fez uma colagem de textos de diversos autores, muitos dos quais escritos na primeira pessoa do singular. Para o expectador o efeito é o de um texto único, escrito por uma só pessoa, o próprio João Botelho. As memórias pessoais e alheias misturam-se à volta de um espaço, dos seus habitantes, do seu tempo longo (a História) e do seu tempo curto (o individual, pessoal). E neste espaço reinam um “*rio demente*” e as superfícies rochosas entre as quais ele corre e que tiveram de ser domadas à custa de árduo trabalho, que de certa forma são os protagonistas do filme, que avança num ritmo constante, regular, como as águas de um rio. Botelho não se detém sobre nenhum indivíduo em particular, tratando-se de um retrato coletivo, pontua o filme com diversas presenças, em situação de festa ou de trabalho. Assim como a câmara de Botelho ladeia o rio, para depois filmá-lo de um barco, tão “por dentro” quanto possível, também se aproxima cada vez mais das pessoas, até chegar a um momento em que são mostrados de perto, em grande plano, os rostos de diversos camponeses, de todas as idades. Desprovido de ênfase e de bairrismo, este filme é uma viagem no espaço e na memória.

Antonio Rodrigues